

**IMPrensa**

## A Estrela Marlene Galeazzi

*por Sérgio Ross*

A Marlene Anna Galeazzi nasceu em Cotiporã e cresceu em Veranópolis(RS), cidade batizada com esse nome por nosso pai, Rogério Galeazzi, quando foi interventor do município por 9 anos, na época de Getúlio Vargas. Neta de imigrantes italianos, sendo, por parte de mãe, da tradicional família Lenzi de Nova Prata, essa "gringa da serra", como era chamada pelos amigos, no período em que estudou e morou em Porto Alegre, sempre teve uma personalidade irrequieta. Talvez por isso veio apartar em Brasília, na década de sessenta, atendendo a um convite de sua irmã mais velha, já falecida, Lourdes Galeazzi, que era professora na Capital Federal, selecionada por concurso de nível nacional.

Seu espírito aventureiro e sua facilidade em escrever e descobrir pautas interessantes a levaram a ser convidada pelo jornalista gaúcho de Bento Gonçalves, Sérgio Ros, na década de setenta, a trabalhar na revista Manchete. E foi naquela casa que Marlene desenvolveu um riquíssimo trabalho jornalístico, que a levou a várias localidades por esse Brasil afora, a diversos países e a ter experiências marcantes, como uma grande viagem pela Amazônia, com a equipe de Jacques Cousteaux e uma matéria sobre a juventude em crise nos anos 60 - esta feita da Europa.

Outro tema que ela desenvolveu com paixão foi sobre os índios. Ela foi designada para fazer uma matéria numa aldeia do Xingu com o Juruna, que estava despontando no cenário nacional. Lá ficou muitos dias e se entrosou tanto que firmou uma grande amizade não só com Juruna mas também com o cacique Aniceto. Isso lhe rendeu belos trabalhos no Xingu, sendo que um deu até capa na Revista Geográfica Universal. Ela voltou outras vezes à aldeia, participou de festas, foi condecorada pelos índios, chegou a aprender um pouco da língua xavante. Depois que Juruna veio para Brasília, ia visitá-la com frequência, carregando seu inseparável gravador, não só na Casa da Manchete, como em sua própria casa, onde adorava comer doces e queijo...

Com os ciganos ela também teve grande ligação e fez boas reportagens. Ela chegou a ser representante deles em Brasília, do Centro de Cultura Cigana da América do Sul. Marlene chegou até eles através do professor Ático Vilas-Boas, de Goiânia, que era um estudioso e interessado em preservar a cultura cigana. Ela participou de diversas festas e casamentos nos acampamentos e em Goiânia chegou até a dormir na barraca de Milus Traiko, que, na época, era um grande chefe cigano.

Aventureira, quixotesca, versátil, Marlene definia seu trabalho tão louco, quanto sua cabeça e por isso, não seguia uma linha para suas reportagens. Para a Manchete fez trabalhos desde o Xingu, até o Miss Mundo, em Londres, fez matérias esotéricas, ufológicas até na Bolívia. Se embrenhou pelos garimpos de Goiás, usando arma na cintura para se proteger. Entrou em cavernas, o que lhe ocasionou uma lesão num dos olhos. Mas nada detinha seu espírito aventureiro. Esteve em Berlim Oriental na Queda do Muro. Na Bulgária, onde foi a convite de Sophia Press, perdeu a mala e ficou horas abandonada no aeroporto, mas nada a intimidava.

Das inúmeras pessoas que conheceu em sua trajetória jornalística, guarda carinho especial por Jacques Cousteau, com quem manteve contato por muitos anos. Ela o conheceu no gabinete do Ministro da Marinha, em Brasília quando Cousteau estava acertando uma viagem que sua equipe faria pelo Amazonas.

Depois de um outro encontro com Cousteau, ele a convidou para participar da viagem precursora com sua equipe, que incluía o famoso cineasta Coulin Mounier e o responsável pela sonoplastia de todos os seus filmes, Guy Youás. Assim, Marlene foi a única mulher e única jornalista presente a essa famosa viagem.

Marlene se tornou conhecida nacionalmente através do episódio em que em razão de uma entrevista a ela concedida para a revista Ele e Ela, da editora Bloch, Alexandre Garcia, porta voz do Palácio do Planalto no Governo Figueiredo foi destituído do cargo. Depois do rumoroso caso, Garcia foi trabalhar na TV Manchete.

*(prosegue próximo número)*

## Coisas do Barranco

★ Tinha uma mulher frequentadora do Barranco que até os espetos costumava roubar. E o marido lhe dava guarida. Dizia pro garçon Felipe:

- Ela é assim mesmo!!

Cruz credo, que zebra esta....

★ Ivaldino Tasca, filho de Vicente, um dos donos do Barranco, foi do Grupo dos ONZE, de Leonel Brizola, em Passo Fundo. Vicente gastou uma nota preta pra tirar Ivaldino da confusão que se metera. Como ele usava barba, nos anos 70, sua tia, Elza, casada com o Santo Tasca, achava que o sobrinho era comunista!!!!

★ Mesmo com a chuva que caía, no Domingo, dia 18/06, o Barranco bombava no almoço. Tudo lotado, até 16 horas, menos o "mato" que ali não dava porque chovia.

Bem que Felipe e César Tasca sempre me disseram: o Barranco é ETERNO, segundo os dois garçons que trabalharam lá nos anos 70.

## Batendo biela....

★ No domingo dia 16 de maio, o garção Maciel do bar Metropolis, na praça Antônio João, "agarrou" uma excursão porque senão a sua fêria estaria ameaçada.

Pegou a excursão e a trouxe para o bar. Senão a fêria teria sido mixa, mesmo com o jogo Corinthians X Grêmio ....



### EXPEDIENTE

Propriedade de Olides Canton - ME  
 CNPJ 94.974.953/0001-02  
 Editor: Jorn. Olides Canton - Mtb 4959  
 Endereço: Av. Lavras, 425/303  
 Fone/Fax: (51) 3330.6803  
 e-mail: [olidescanton@bol.com.br](mailto:olidescanton@bol.com.br)  
 CEP 90460-040 - Porto Alegre/RS  
 Editoração Eletrônica: Rita Martins(9832.8385)  
 e-mail: [rmlgrafica@terra.com.br](mailto:rmlgrafica@terra.com.br)  
 Impressão: RM&L Gráfica (3347.6575)  
**Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores. Os colaboradores não têm vínculo empregatício.**

## Curiosidades...

Em Santa Maria, onde tem um time de futebol chamado de Riograndense, cujo apelido é o PERIQUITO tem uma rádio móvel que se chama A PERIQUITA...

Quem constatou o fato foi a Dione Freitas, acompanhante do time do Cruzeiro de Porto Alegre, quando esteve lá com a missão de levar o clube da capital para a primeira divisão do futebol gaúcho...

Cuidado que esta excentricidade pode acabar na coluna do Zé Simão, não apenas aqui no Fitness.

### Alenir Canton

Representações



E-mail: [alenir@cpovo.net](mailto:alenir@cpovo.net)

Fone/Fax: (51) 3311.5211 Celular: (51) 9971.5303

### Dr. Belmar Andrade

- Cardiologia Preventiva e Cardiologia do Esporte
  - Avaliação para prática esportiva
  - Eletrocardiograma e teste ergométrico
- Rua Costa, 30/403 - Fone: 3230.2677 - Porto Alegre  
 Rua Bento Gonçalves, 211 - Fone: (51) 485.1383  
 Viamão/RS

[belmar.jose@terra.com.br](mailto:belmar.jose@terra.com.br)

chopp

## PIZZAIOLO

forno à lenha

Horário:

Diariamente  
das 17h à 1h30min

Tele-Entrega  
das 19h às 24h

3331.9699  
3331.1749

Almoço:

Das 11h da manhã à 1h30min da madrugada  
ININTERRUPTAMENTE

AV. PROTÁSIO ALVES, 1548

pizza

Sexta  
Sábado  
Domingo e  
Feriado

## Estórias de *migrantes* na capital do Estado

Quebrado em Sarandi, onde não soube administrar seu laboratório de fotos e pinturas (pelos relatos de quem conheceu o personagem e conviveu com ele, era meio mão aberta, se o cara pagava ele fazia, se não pagasse também fazia) o fotógrafo e pintor Gomercindo Tasca foi trazido a Porto Alegre onde os cunhados, donos do Barranco, deveriam lhe quebrar o galho.

Não foi porém o que ocorreu, porque o dono maior, Santo, não ia com a cara do cunhado.

Pensaram em colocá-lo como guardador de carros do Barranco, mas se deram conta que não daria certo. Como nos anos 70 estava começando uma moda em Porto Alegre que tudo indicava que daria certo, a dos trailers, o filho de Gomercindo, César, que era garção do Barranco, foi a cata de um local para colocar um trailer para o pai não morrer de fome na capital do Estado. A mulher, Linda ficara em Sarandi.

No começo, os cunhados lhe quebraram o galho de moradia. Gomercindo foi morar com Albino, um dos donos do Barranco naqueles anos 70 (depois por brigas entre os irmãos todos se desfizeram, menos o Vicente, que continua acionista até hoje...) Meio sestroso, desconfiado na cidade grande, Gomercindo, de hábitos simples mantinha o costume de pitar seus palheiros e o fazia dentro do quarto do cunhado, onde se homiziou.

O quarto que Gomercindo ocupou na casa do cunhado era da sobrinha, Neusa (diagramadora da Zero Hora e de outros jornais nos anos 70).

Um dia no Barranco, César conversou com Saioby Aranha que dirigia um órgão da prefeitura, o Demhab, que cuidava de casa. Aranha logo conseguiu um apartamento na Cavalhada para Gomercindo ir morar...

O trailer que César iria botar primeiro na avenida Protásio Alves, que estava na moda, bombava na noite de Porto Alegre (seria assim uma Lima e Silva de hoje, ou o que foi a Getúlio Vargas anos atrás) acabou vindo pra perto da Estação Rodoviária de Porto Alegre. Chamou-se AGAPIO em homenagem ao Vicente Tasca, pai do Chiquinho, sócio do Barranco até hoje....

César Tasca juntou-se ao alemão Aníbal e botaram o velho Gomercindo, aos 60 anos, a trabalhar no Agapio. Gomercindo trabalhava direitinho. Descascava batatas, fazia alguns serviços que não eram muito pesados.

Na rodoviária aconteceu o que seria fatal que ocorresse: se enrrabichou por um guria de 26

anos, que ele conheceu junto a rodoviária porque ela estava separada de um brigadiano e tinha que sobreviver. Então ia distribuir panfletos pra ganhar uns trocados a mais e ajudar a sustentar os dois filhos que o brigadiano lhe fizera.

Mesmo com os filhos em Porto Alegre, nunca ninguém o visitava. E Gomercindo fez o que os filhos imaginavam que ele não faria: ele levou seu amorzinho novo com os filhos pro seu apê na Cavalhada. O César, no Agapio, que ainda continuava trabalhando de garção no Barranco, notou que o pai estava levando muita coisa do Agapio pra casa: latas de óleo de cozinha, ovos, entre outros itens.

Mas César não quis reclamar, afinal era seu pai e precisava.

Mas achou que tinha gato na tuba.

Um dia precisaram ir na casa do pai porque havia morrido um conhecido em Sarandi e foram pra lá. O Gomercindo demorou a abrir a porta. Uma meia hora...eles bateram, bateram e depois de muito tempo é que ele apareceu na porta...

Ele chegou na porta e quando viu os dois filhos, César e uma irmã, ficou chocado. Não gostou daquilo. Pareciam que tinham descoberto um segredo.

Acabara de esconder a sua namorada e os dois filhos num dos banheiros. Não quis que os filhos entrassem, claro.

A irmã do César pediu pra ir ao banheiro, mas ele alegou que não se podia usar, estava estragado.

A primeira coisa que a filha Marli fez foi contar pra mãe que seu marido estava enrrabichado em Porto Alegre. Linda, a esposa, queria pedir separação, depois se acalmou.

No Agapio, Gomercindo mostrava suas garras de interiorano, mais do que isto de gringo: era tacanho uma barbaridade, mas se o cara dissesse pra ele que era de Sarandi, não lhe cobrava.

Gomercindo era econômico. Quando ele faleceu, encontraram em seu colchão um monte de moedas ultrapassadas, que ele havia guardado. Tipo assim cédulas de quanto havia o Cruzado Novo...

O Gomercindo seguia a risca aquele ditado de guardar dinheiro em colchão.

Gomercindo costumava dizer que precisava de cinco balas de revólver. Uma era destinada ao cunhado Santo!

## Espaços públicos e respeito ao cidadão

Adeli Sell\*

Foto: Tonico Alvares



As praças são, por definição, para todos, lugar de brincadeiras, esportes e de encontro de todas as idades. Já dizia Castro Alves, que a praça pertence ao povo como o céu ao condor. Mas o que o consenso afirma, a realidade desmente.

Muitos espaços públicos acabaram ocupados pela miséria dos que não têm onde morar. Praças viram quarto, cozinha e banheiro de alguns, afastando aqueles que deveriam ser seus freqüentadores habituais. O viaduto Otávio Rocha, cartão postal e monumento histórico da cidade, está loteado por “residentes”, que ali permanecem as 24 horas do dia. Os que fazem da rua sua morada sofrem o frio, o mau tempo e todos os danos que a vida de exclusão social oferece: drogas, doenças, violência, desprezo e, sobretudo, falta de qualquer perspectiva de futuro.

A tolerância, o fingir que não existe, o assistencialismo de um dia só não são a solução para a cidade, e menos ainda para essas pessoas que acabam se adaptando a viver na rua, e vão perdendo dia a dia o que lhes resta de dignidade, amor próprio e esperança. A solução não está em recolher de um ponto e levar para outro de menor visibilidade, em limpar um espaço e fechar os olhos para outros. É preciso políticas públicas que pensem a cidade e seus cidadãos de forma global, devolvendo os locais públicos a todos e buscando alternativas para aqueles que já perderam quase tudo.

A prefeitura precisa promover um trabalho coordenado das secretarias da saúde, educação, habitação, direitos humanos e meio ambiente, juntamente com a assistência social, prevenindo e revertendo a situação que existe nas ruas.

Porto Alegre ainda é uma das cidades mais arborizadas do país, com muitas praças e espaços verdes. É importante que estes espaços fundamentais de convívio permaneçam públicos e de todos. É direito do cidadão exigir a manutenção de nossa qualidade de vida e cabe ao gestor encontrar os meios de garantir que a cidade e o futuro seja de fato para todos.

\* Adeli Sell é vereador e Presidente do PT/Porto Alegre

**O valor das coisas não está no tempo  
que elas duram,  
mas na intensidade com que  
acontecem.**

**Por isso existem momentos  
inesquecíveis,  
coisas inexplicáveis e pessoas  
incomparáveis.**

*Fernando Pessoa*

**ACESSE E DIVULGUE NOSSO SITE:**

**[www.deolhoseouvidos.com.br](http://www.deolhoseouvidos.com.br)**

**ANUNCIE NO FITNESS**

**3330.6803 OU e-mail [olidescanton@bol.com.br](mailto:olidescanton@bol.com.br)**